

Preço da assignatura

Anno	1\$300 rs.
Semestre	650 "
Trimestre	350 "
Numero avulso	80 "

A correspondencia relativa á administração deve ser dirigida a Antonio Luiz da Silva Dantas e a relativa á redacção ao director de A Restauração.

Redacção, Administração e Typographia

Rua de Payo Galvão — Typographia Minerva

A RESTAURAÇÃO

SEMANARIO CATHOLICO

Preço das publicações

Annuncios e communicados, linha	40 rs.
Repetição, por linha	20 "
No corpo do jornal	100 "

Os srs. assignantes gosam o desconto de 25 % em todas as suas publicações.

As obras litterarias, quando o mereçam, annunciam-se em troca de um exemplar.

Editor responsavel

José Maria Nunes Guimarães

Camaras legislativas

Estamos em vespéras da abertura do parlamento, e, desgraçadamente, ninguem, no país, espera d'elle, da sua actividade, das suas iniciativas e dos seus esforços, nada, absolutamente nada, que trada, affirme e realize utilidades públicas, beneficios de alcance geral, que sejam um claro favor para a collectividade, para a nação, para o povo!

Com effeito, como pôde o povo português ter confiança e descansar nos cuidados do parlamento, se os naturaes procuradores do povo e constitucionaes representantes da nação se converteram em rabulas desconsenciosos, que protelam as causas e erram adrede o officio para que a fonte dos interesses não se esgote e os lucros multipliquem?

A' nação portugueza quasi só restam hoje, para erguer a sua voz e protestar contra os andamentos abusivos e desregrados do poder, estes tres recursos: o jornal, o comicio e o parlamento.

Se em todos estes tres públicos tablados de discussão, protesto e combate, a opinião pública está sempre coacta, no parlamento com certeza o está muito menos.

Modernamente ha em Portugal muita e até demasiada liberdade para infinitas manifestações do mal, mas, em factos e coisas de ordem manifestamente honesta, razoavel e opportuna, a liberdade falta: ha muito menos do que noutros tempos, a que certa escola chama com desdem e rancor epoca absolutista.

Nós talvez possamos chamar com mais razão e verdade ao nosso tempo anachronica edade de despotismo, se o virmos e apreciarmos sob determinados aspectos.

Hoje ha muita liberdade nos livros e nos codigos das leis, mas na prática quotidiana da vida nacional, no que ella tem de mais veneravel e mais digno de respeito, não ha franquias nenhuma: em muitas e muitas das mais legítimas prerogativas do homem, do cidadão e do crente, o povo português sente e deplora que as suas mais essenciaes attribuições e as suas mais apaixonadas tentativas, se annullam e esmagam de encontro aos repelões do capricho, da arbitrariedade e da discreção.

Emfim, entre nós a liberdade manifesta-se largamente por palavras, quer falladas quer escritas; e a repressão injusta, o absolutismo inopportuno, affirmam-se e impõem-se por continuos factos, mascarados e hypocritas uns, palpaveis e cynicos outros.

Vamos, porém, um pouco fóra do caminho que nos deve levar aos propositos com que se começou este insignificantissimo escripto.

Queríamos nós dizer que o parlamento, tal como os seus mem-

bro o têm posto, se nos afigura um dispensavel luxo constitucional, uma inutil representação nacional, praticamente; ao mesmo tempo que nutrimos summo interesse por ver que rumo tomarão os trabalhos das camaras na proxima legislatura.

Vinhamos indicando accentuadamente que a nação já não deposita confiança alguma nos seus mais altos corpos legislativos, o que é um bem triste symptoma, e iamoz dizer que hoje, em Portugal, é no parlamento onde ainda se pôde fallar com algum desafôgo e largueza, porque é a nossa unica tribuna que ainda usufrue alguma liberdade, a unica valvula de segurança que actualmente o pensamento nacional possui.

Com tudo nem ali ha a bastante e necessaria liberdade de apreciação!

Para todos os vehiculos do pensamento ha em Portugal travões fortes.

Note-se que só nos referimos ao uso legitimo da liberdade, exercida a dentro dos limites da lei organica do país e pautada pelas formaes indicações da consciencia, da moral e do bem.

O jornal não pôde ser o transmissor fiel das afflicções dum povo e o flagellador implacavel da oppressão e abusos do mando, porque está sempre á mercê dum golpe de mão, vibrado em nome de varios principios.

O comicio da praça pública não pôde jámais transmitir fielmente o sentir da opinião, porque tem de regrar-se pelas indicações da auctoridade e pelas ameaças da policia.

Resta o parlamento, apesar das chicanices do regimento e, tantas vezes, das rabulices, violencias e imposições partidarias da presidencia.

Todavia é no parlamento onde o cidadão português pôde fallar com mais franqueza, mais desprendido de opportunismos inaceitaveis, e até mais a coberto da immundade e mais fóra do alcance de incommodos penas.

Ha neste país um principio regulador de toda a discussão parlamentar e extra-parlamentar, que implica uma covardia, uma fraqueza e uma infamissima cumplicidade.

Este principio, que os costumes nacionaes e anódinos sentimentalismos romanticos impõem e autorizam, é o que em tudo — inclusivamente em apreciação de factos e em apuramento de tremendas responsabilidades de interesse e caracter publico — manda guardar e observar religiosamente as conveniencias.

E guardar as conveniencias é encobrir os erros do magistrado, os abusos da auctoridade, as fraudulencias dos ladrões, as artimanhas dos syndicateiros, as habilitades dos *maitres-chanteurs*, as alcavalas dos politicos, os defeitos das instituições politicas, os crimes dos poderosos...

Desta maneira foi que dirigentes e dirigidos, governo e povo, legisladores e subditos, vieram,

pelo andar do tempo e pela sequencia das mútuas concessões, a confundir-se na mesma responsabilidade, por o estarem nas mesmas culpas.

Isto, assim como assim, já se não remedia em dois dias nem com duas razões; no entanto, é sempre occasião de principiar a atacar de frente e com energia o mal.

Vai abrir o parlamento, e problemas da mais alta e vital importancia e gravidade vam' ser sujeitos á sua apreciação, á sua critica e ao seu julgamento.

Se ao parlamento vam ao menos meia duzia de homens de caracter independente, de consciencia recta e de regular intelligencia, a discussão do contracto dos tabacos deve marcar epoca na história das côrtes portuguezas.

O país precisa de saber o que vai fazer-se e tem direito a sabê-lo.

No sub-solo da tristissima operacão alapardam-se influenciadores de uma enorme *chantage*? Tragam-se á luz os *chanteurs*?

A questão deriva para um Panamá lusitano? Desmascarem-se os panamistas!

O parlamento tem obrigação de contrariar burlistas e burlas, ganancias injustas e os seus fautores, porque lhe incumbe o dever tremendo de defender o país!

Ao menos no parlamento, onde a liberdade ainda tem alguns direitos, falle e imponha-se a verdade, para que a justiça vença!

Casimiro R. de Sá.

Carta do Porto

Num país pacatamente anarchico, como o nosso, onde o mal e o bem podem florescer com eguaes direitos, não ha surpresa possivel, que se não realize ou converta em facto. Torna-se impossivel que deste estado de coisas resulte bem algum para a nacionalidade. E' certo tambem que Deus tira bens mesmo de males, assim como das pedras podia fazer filhos de Abrahão, segundo disse Jesus; mas estes bens resultarão em beneficio de particulares, que não em nacionaes. Aquelles que Deus escolher, queiram ou não queiram os homens, ham de cumprir a sua missão e ham de chegar ao seu fim. Mas, desgraçada nação aquella que, não respeitando a Deus, exige que elle use do seu poder infinito para equilibrar os desmandos dos homens.

O Porto possuia uma imprensa jornalística assás numerosa e, infelizmente, na sua quasi totalidade moralmente mal orientada. Comtudo, apesar de todos os males, se exceptuarmos a questão religiosa em que foi retintamente infame e calumniadora, no resto ainda conservava um certo respeito pelo publico que a lia. E se muitas vezes substituia a moralidade pelo indifferentismo, que é sempre de si immoral, comtudo

não se alimentava do mal propriamente dito e por isso encobria um certo asco que a contaminava. Pelas folhas mais immoraes appareciam frequentemente apreciações desbragadas e insidiosas, mas não formavam um corpo de doutrina. Davam bem a perceber o mal que as minava, mas um ou outro artigo avulso ás vezes despertava no seu leitor, ainda não pervertido completamente, o sentimento da justiça, e, momentos depois da sua leitura, estava confundido com o nada dos papeis inuteis; e para o seu auctor apparecia uma critica que não lhe augmentava nem deminua os merecimentos pessoais.

Aconteceu porém que um grupo dos mais radicaes, por isso mesmo que a sua immoralidade era maior, achou pouco o que havia. Ha alguns meses apenas que as suas fileiras principiam de engrossar e cresceram ainda mais em planos de toda a ordem subversiva do que em numero propriamente dito. Não se poupam a sacrificios loucos, como é costume acontecer em casos congeneres.

Foram a Lisboa contractar *sacerdote* mação-republicano e, cantando victoria, fundaram aqui o jornal mais baixo, mais falto de dignidade e pundonor que o Porto tem dado á luz da publicidade. Chamava-se *O Alarve*. Muitas vezes, com muito mais justiça e immenso mais chiste, lhe ouvimos chamar «o alarve», que de facto é o que elle era.

O nome pouco importava; a sua doutrina, a sua moral, a sua conducta, numa sequencia logica de erros e maldades, justificava muito mais o segundo do que o primeiro nome. Porém na tarefa que diariamente se impunha de explicar *mysterios*, um ficava sempre na sombra, sem que houvesse luz possivel para elle. Era o cofre donde vinha o dinheiro para conservar a sua preciosa existencia.

Todos sabem o rol de encargos que consigo traz a publicação dum jornal diario; e não se ignora completamente qual seja a baixa de fundos com que vivem os mações-republicanos. Pois, não obstante a collisão destes dois factos, o jornal tinha a sua tiragem muito regular e não consta que tivesse dividas. Aconteceu porém como sempre. Quando na ordem natural se observam phenomenos duma certa ordem e se attribuem a causas que os não costumam produzir, o publico não crê na explicação. Desta vez o publico tinha a seu lado a policia, quando não por outro motivo, ao menos pelo asado costume que aquelle jornal tinha de fallar contra os seus chefes.

E assim como não ha peores cegos do que sam aquelles que não querem ver, assim tambem não ha quem veja melhor do que os que calculadamente se fazem cegos.

Usando este segundo processo, a policia desvendou o mysterioso local em que se occultava a mina donde se extrahia o dinheiro.

Querem vergonha maior do que esta?

Um official do exercito, commandando uma patrulha de amigos da sociedade «olho vivo», falsificava papeis de credito de toda a ordem, que lhe davam dinheiro em abundancia. As melhores casas bancarias do Porto acham-se burladas, tendo dado contos e contos de reis sobre aquelles papeis... pintados. O jornal foi supprimido e quanta gente ali havia suspeita teve de comparecer em juizo particular. Alguns acham-se presos e o tenente Djalme, a quem se attribue o principal papel neste spectaculo inglorio e immoral, diz-se que não passará bem.

Mas, uma dúvida só, para terminar.

A maçonaria não virá em favor dos seus filiados? Quer-nos parecer que sim.

O jornal resuscitou em *O Despertar*, que tem o mesmo sangue de *O Alarve* e que prosegue na mesma doutrina. Os interrogatorios ao tenente Djalme escondem-se numa treva e envolvem-se numa meada, que não surpreenderá ninguem, se ao spectaculo derem um final digno do seu principio.

R. L.

Theologia para todos

(Continuação)

A graça actual.—A graça actual é um socorro de momento pelo qual Deus nos excita e nos ajuda a evitar o mal e a fazer o bem. Não ha negá-lo: nós somos muito fracos, e havemos mister uns dos outros. As creanças têm necessidade de seus paes, os paes precisam de seus vizinhos e concidadãos, a sociedade necessita de chefes que a organizem e defendam.—Fracos quando se trata do mundo natural, como-lo muito mais ainda no mundo sobrenatural. Ahi sobretudo temos necessidade que Deus nos preste o seu *auxilio*.—Offerece-se um peccado para commetter; logo uma luz nos descobre nelle toda a sua fealdade: eiz uma graça actual *de momento*. Commettemos uma falta, e a nossa alma sente-se impellida a detestá-la e repará-la: eiz ainda uma graça actual. Em uma palavra, quando nos sentimos inclinados para algum bem, ou afastados de algum mal, é que recebemos de Deus uma graça actual.

Emfim, a graça actual opera em nós de dois modos: *excita-nos e auxilia-nos*. Illumina nossa intelligencia com luzes sobrenaturaes que lhe mostram o bem que se deve fazer; dá a nossa vontade uma impulsão sobrehumana que a impelle na senda da virtude; depois opera ainda auxiliando nossa vontade a *fazer o bem e a evitar o mal*.—A' nossa entrada na vida dois caminhos se nos apresentam: o dos prazeres, que conduz ao peccado e à morte da alma, é preciso a todo o custo evi-

tá-lo; o do dever, que conduz à virtude e portanto à vida, é mister sem hesitar abraçá-lo. A graça ajuda-nos a seguir um e a evitar o outro.

A graça santificante. — A graça santificante é uma graça que permanece em nossa alma, e a torna santa e agradável aos olhos de Deus e digna da vida eterna.

A graça santificante é uma graça que permanece em nossa alma, é um estado, uma certa disposição. Em grammatica ha dois verbos auxiliares: o verbo *ter*, que exprime a acção, e o verbo *estar* que exprime o estado. O verbo *ter* representaria de alguma sorte a graça actual, que é *transitoria*; e o verbo *estar* representaria a graça santificante, que reside em nossa alma. — Outra comparação o fará ainda melhor comprehender. Um robusto lenhador está deitado ao pé dum carvalho numa floresta. Ainda no estado de repouso este homem é forte. A sua força está na constituição de seus membros, na grossura de seus musculos; mas quando quisér arrancar o carvalho que está à sua beira, ser-lhe-ha preciso fazer esforços, dispendir forças. Estas duas situações diferentes — o repouso e o esforço — representam muito bem, uma a graça santificante, a outra a graça actual.

A graça santificante torna nossa alma santa e agradável a Deus. Effectivamente é, em ultima analyse, a vida divina em nós. E Deus, sendo essencialmente santo, torna-nos também santos. E' isso aliás o que nosso Senhor dizia a seus apóstolos: «Sede santos como eu e meu Pae somos santos». O resultado é evidente: fazendo-nos a graça santos, e por consequencia semelhantes a Deus, não pôde elle contemplar em nós a sua imagem sem ser agradavelmente impressionado em nosso favor.

Em summa, na posse da graça, tornamo-nos dignos de Deus e do paraíso que é o seu reino.

Prática. — A graça é a coisa que no mundo temos de mais precioso. Por ella e só por ella salvaremos a nossa alma. Façamos pois todos os esforços para conservar em nós esta vida divina, e evitar o peccado mortal que no-la faz perder.

III

O merito

Natureza. — O merito perfeito é o direito que uma obra boa, feita com o auxilio da graça e em attenção a Deus, nos dá a uma recompensa eterna.

O merito é o fructo duma obra boa. Effectivamente não ha merito algum em fazer mal. Para isto basta que um obedeça à influencia das suas más inclinações. Para fazer o bem, ao contrario, é preciso sair de si mesmo, subtrahir-se à sua natureza viciosa, fazer esforço.

Esta obra boa é feita com o auxilio da graça. Sem ella, já o vimos, nada podemos fazer. Ella é esse elemento divino que, posto em nossas almas, sobrenaturaliza, diviniza nossas acções; esse enxerto mysterioso que transforma nossa natureza bravia e lhe permite produzir acções divinas. A nossa alma, só, pôde sem duvida alguma coisa, mas é na ordem da natureza; ao passo que nós estamos na ordem da graça. Para que haja merito, é preciso que a acção seja feita com o auxilio da graça.

Para merecer perfeitamente, não basta ter a graça santificante; é preciso que haja realmente influencia da graça sobre a acção que fazemos. Eiz uma donzella cuja consciencia é pura; mas obra

em tal e tal circumstancia unicamente por amor proprio, por interesse pessoal. Crêdes que ella tem merito nestas acções? De modo nenhum. E' necessario para isso fazer a acção boa em attenção a Deus. — O resultado de tudo o que acabamos de dizer é claro. Esta boa acção feita com o auxilio da graça e em attenção a Deus é digna de recompensa. Será trocada, quando a alma chegar ao ceu, por uma felicidade que já mais acabará. Logo o fim da vida é adquirir o maior numero de meritos possivel, para que um dia a recompensa seja mais bella.

Grandeza do merito. — Donde vem a grandeza do merito em nossas acções?

Da pessoa. — Quanto mais elevada é a dignidade da pessoa e maior a sua santidade, tanto mais valor tem a acção que ella faz. Uma simplez comparação mostrará a verdade desta affirmacão. Recebeis no mesmo dia duas cartas: uma dum camponês, outra dum monarcha. Sem duvida alguma esta ultima terá para vós mais valor que a primeira. Pôde-se assim comprehender quam grande é o valor das acções de Jesus Christo emquanto estava sobre a terra. Como Deus, sua dignidade é infinita, sua santidade sem limites. Por isso não se podem avaliar os seus meritos. E' o que faz que o justo, porque a graça o faz filho e amigo de Deus, tem incomparavelmente mais meritos que o peccador.

Da excellencia ou difficuldade da obra. — Se se considera a obra que se tem de fazer, nella se encontra ainda um novo elemento que lhe augmenta ou diminue o valor. Quanto maior é a obra, tanto mais meritoria. Uma pessoa dá uma vez cem mil reis aos pobres, e por outra vez mil reis. E' evidente que no primeiro caso a sua esmola é, por este lado, cem vezes mais meritoria que no segundo.

— Eiz uma donzella colerica e vingativa; terá muito mais merito perdoando uma injuria, que outra naturalmente boa e pacifica. E' que a difficuldade augmenta também o merito. Encontra-se no Evangelho um exemplo notavel desta verdade. Estava um dia o Senhor sentado junto do gazophilacio, onde alguns ricos lançavam muito dinheiro, quando uma pobre viuva veiu lançar dois ceitils: «Em verdade, disse Jesus, esta lançou mais que todos os outros, porque lançou tudo o que tinha.» (S. Marc., XII, 42-44).

Da perfeição do agente. — Emfim quanto mais perfeito é o motivo por que obramos, tanto maior é o merito. O melhor de todos é o da caridade ou o do amor. Fazer uma acção porque se ama a Deus, é o que se lhe pôde offerecer de mais agradável. Esforcemo-nos pois por fazer todas as nossas acções por motivos sobrenaturaes baseados na Religião. E se queremos ser christãos perfeitamente piedosos, escolhamos entre os motivos o melhor, o do amor. Este dá às obras um valor tal, que os actos mais indifferentes podem adquirir por elle um merito extraordinario.

Prática. — Eu quero fazer todas as minhas acções pelo amor de Deus; e de tempos a tempos renovarei esta resolução.

(Continúa.)

Anecdótas historicas

LXVIII

Caçadores de homens. Esta phrase exprime o que de mais deshumano se pôde imaginar: e todavia

ainda hoje, que tanto se apregôa o requinte da civilização, se caçam homens... e talvez em possessões portuguezas. Mas deixemos semelhante abominação aos infames negociantes de negros, e contemos um caso de *caçadores de homens*, que mostra quem é mais homem. O facto, que já não é recente, foi narrado ha mais de cem annos pelo *London Chronicle*.

Dois partidos de Indios do Canadá, de tribus diferentes, encontraram-se casualmente nas margens dum rio. Um delles perguntou aos do partido contrario quem eram e que faziam. Os interrogados disseram os seus nomes e declararam que iam à caça de castores; e por sua vez fizeram semelhante pergunta aos seus perguntadores. Estes responderam que o seu nome não tinha nada para o caso; mas que eram *caçadores de homens*. «Pois bem, replicou o outro partido; homens somos nós: não vades procurá-los mais longe». Então os dois partidos convieram em descer a uma pequena ilha do rio. Destruíram as suas canoas, para ficarem sem meio de fugir, e travaram combate. A certa altura já não havia mais do que um pequeno numero dos caçadores de castores e um só *caçador de homens*, a quem aquelles pouparam a vida, para que elle fosse ensinar aos da sua nação que tinha encontrado uma tribu de Indios, que caçavam melhor os homens do que elles.

Se quisessemos tirar a moralidade do caso, diríamos que, se os pobres pretos da Africa portuguesa, tratados — ás vezes pelas proprias auctoridades — como animaes irracionais e feitos objecto de vil commercio, lhes dessem a mesma lição que no Canadá receberam os *caçadores de homens*... E' certo que elles assim o têm feito algumas vezes... até certo ponto: mas não attingem os verdadeiros *caçadores*, que continuam a tyrannizá-los.

F.

CURIOSIDADES

Cartas de jogar. — Os colleccionadores ingleses disputaram uma carta de jogar, que por fim foi adjudicada a um delles por 68.750 francos. Qual a razão deste preço enormemente exaggerado? Para comprehender a phantasia do armador de colleções que adquiriu esta carta, convem declarar que nas costas della o grande pintor Holbein pintara uma exquísita miniatura da duquesa de Norfolk, dama formosa. Ora, se as cartas de jogar sam vulgares, não succede o mesmo com as miniaturas de Holbein.

Barba. — Os barbeiros de Nova-York formam uma associação geral. Celebraram ha meses a sua reunião annual e ali tomaram decisões duma gravidade tal que é para desejar que não tenham repercussão cá na Europa. Os oradores esbofaram-se em estigmatizar «esses seres vis e mesquinhos que fazem a barba a si mesmos». Um delles propôs que nenhum dos seus collegas se prestasse a cortar o cabelo ao que se barbêa por sua mão. Por maioria foi rejeitada esta proposta; mas foi tomada outra com todo o entusiasmo: os membros da associação compromettem-se por juramento a não afiar as navalhas dos *amadores*. Como vêm os nossos leitores, a coisa é grave.

Para ter ar quando faz calor. — Para ter ar quando faz calor, inventaram-se os leques; mas estes apparatus, além de serem reservados ás damas, têm o inconveniente de não poderem ser usados quando se trabalha. E por tempo também cansam o braço ou ante-braço ou o pulso, como quizerem. Para renovar pouco e pouco o ar num quarto ou amenos para o agitar, ha coisa melhor que o leque: sam os pequenos ventiladores munidos de asas que giram constantemente expedindo dum lado o ar e aspirando-o do outro. O rei dos ventiladores é o ventilador electrico. Colloca-se em todos os apparatus electricos, como uma simplez lampada de incandescencia. Imaginou-se, pois, o ventilador de agua. O apparatus pôde adaptar-se a uma torneira de cosinha, de laboratorio, etc., de modo a produzir uma quêda de agua numa pequena turbina cujo eixo têm as asas do ventilador. Como a agua se não altera, pôde servir a outros usos.

Curiosa communicacão. — Numa das ultimas sessões da Academia das sciencias de Lyon, o professor Lortet fez uma communicacão muito interessante acerca do conteúdo dum sarcophago egypcio, o do principe Makerpa, até agora inexplorado. Entre outras numerosas provisões de bocca este sarcophago continha um pato inteiro num maravilhoso estado de conservacão, não obstante os 4.000 annos decorridos. Nelle se distinguem nitidamente as saliencias e as depressões caracteristicas da pelle desse volatil; o papo e o figado estavam-lhe suspensos no interior por um cordel. A mesma especie de aye é ainda a mais commum actualmente no Egypto. Mas o achado mais interessante foi, sem contradicção, o dos grandes jarros que continham o liquido destinado a conservar as mumias, as provisões de bocca e as numerosas ligaduras que as envolviam. Analysando este liquido dessecado, pôde-se estabelecer que era antiseptico. A antiseptia não data de hontem.

NOTICIARIO

Dispensa de abstinencia. — Sua Santidade, por proposta dos Eminentissimos Cardeaes que compõem a Sagrada Congregação do Santo Officio, dignou-se benignamente dispensar os fieis de todo o mundo catholico da lei ecclesiastica da abstinencia numa unica refeição, no proximo sabbado, 25 de março, dia da festividade da Annunciação da Santissima Virgem Nossa Senhora.

Cartas de encomendação. — Foi passada, por um anno, carta de encomendação a favor do rev. Antonio Teixeira de Carvalho, para a freguesia de S. Sebastião, desta cidade.

— O mesmo titulo foi passado a favor do rev. Manuel Joaquim Marques, para a freguesia de Santa Maria de Corvite, deste concelho.

Cadastrros de desobriga. em papel de linho de 1.^a qualidade, feitos pelo melhor modelo conhecido, encontram-se á venda na *Typographia Minerva Vimaranesense*, rua de Payo Galvão, em frente á praça do mercado.

Festa a S. José. — Foi imponente a festa que o Circulo Catholico S. José e S. Damaso promoveu em honra do glorioso patrono dos operarios — S. José.

Os actos solemnes praticados na igreja do Seminario foram muito concorridos não só de operarios, como de muitas pessoas de todas as camadas sociaes.

Cerca das 8 horas da noite começou no salão do Circulo a academia religiosa, sob a presidencia do Ex.^{mo} Conselheiro Dom Prior Manuel de Albuquerque, que fallou com a eloquencia que lhe é peculiar no seu discurso de abertura da sessão, e apresentando á assembleia os oradores inscriptos, os snrs. Geraldo Quesado Bacellar de Araújo, de Vianna do Castello, e dr. João Martins de Freitas, presidente da Direcção do Circulo.

Um e outro sam já bem conhecidos como oradores distinctos e apreciaveis. Desnecessario será pois frisar que mais uma vez confirmaram plenamente os seus dotes oratorios, espalhando a fluxsões doutrinas, exhortando os operarios á pratica da virtude e bons sentimentos religiosos, dando-lhes para espelho da sua vida Aquelle em honra de quem se fazia aquella festa.

O snr. Dom Prior, ao encerrar a sessão referiu-se elogiosamente aos doutos oradores, declarando serem justissimos os applausos sinceros e unanimes da numerosa assembleia, terminando por lhes agradecer a sua cooperação naquella festa, agradecendo também á assembleia a forma porque o havia recebido e tratado na presidencia.

Todos os oradores foram, como das palavras acima se deduz, calorosamente applaudidos.

Nos intervallos fez-se ouvir a magnifica tuna do Circulo.

O salão estava repleto de damas, diversos convidados e muitos operarios.

Foi uma festa que deixou gravadas na alma indeleveis recordações, como de resto sam todas as que naquella casa se realisam.

Bilhetes Postaes, illustrados com o retrato de Sua Santidade Pio X, vendem-se na *Typographia Minerva Vimaranesense*, rua de Payo Galvão, a 10 réis cada um.

Fallecimentos. — Victimada pela terrivel tuberculose falleceu no ultimo sabbado, nesta cidade, a ex.^{ma} snr.^a D. Amelia Gomes, irmã do rev.^{mo} Conego José Maria Gomes, professor do Seminario-Lycu.

O seu funeral, que teve logar na capella do cemiterio pelas 11 horas da manhã da passada segunda-feira, foi extraordinariamente concorrido.

Que descanse em paz a alma da extincta.

— Também falleceu na manhã da ultima terça-feira, victimado por um ataque apoplectico, o snr. Domingos de Castro Guimarães, proprietario, desta cidade.

Os responsos funebres por alma do finado tiveram logar hontem, na capella da V. O. T. de S. Domingos.

Paz á sua alma.

A's familias enlutadas a expressão sincera da nossa condolencia.

A Restauração

Sessão solenne. — A Associação de Classe dos Operários Cortidores e Surradores desta cidade realisa no proximo sabbado, 25 do corrente, pelo meio dia, uma sessão solenne para festejar o 5.º anniversario da sua installação e inaugurar o retrato de um dos seus beneficores na sala das sessões.

Agradecemos o convite que nos foi dirigido para assistir áquelle acto.

Depois de composta a noticia acima tivemos conhecimento de que os festejos da florescente associação se não limitavam á sessão solenne, dando em seguida o programma completo dos festejos projectados, do qual a sessão solenne é o 3.º numero:

Ao romper da alva uma salva de vinte e um tiros anunciará o dia festivo, percorrendo nesta occasião as ruas da cidade a banda Boa União que executará o hymno da Associação.

A's 11 horas da manhã sairám todos os socios da sede da Associação com o seu distinctivo proprio e com a bandeira, sendo acompanhados da mesma philarmonica, em direcção ao templo de S. Francisco, onde assistirám a uma missa por alma dos socios fallecidos, sendo celebrante o rev. Manuel Ferreira Ramos.

Ao meio dia principiará a sessão solenne, presidida pelo rev.º Abbade João Gomes de Oliveira Guimarães, abrilhantando-a alguns oradores desta cidade.

Nesta occasião proceder-se-ha ao descerramento do retrato do snr. conde de Margaride, socio benefico da dita Associação.

Das 4 ás 6 e meia horas da tarde a mesma banda tocará num coreto, junto ao edificio da Associação, as melhores peças do seu repertorio.

A's 8 horas da noite terá logar uma conferencia pelo rev.º Conego Alberto da Silva Vasconcellos, finda a qual principiará o ar-raial, constando de musica, fogo de artificio e illuminação.

Durante o dia, a sede da Associação será franqueada ao público.

Imprevidencia. — Segunda-feira de manhã ia sendo atropelada na rua de Gil Vicente, desta cidade, uma criança que guiava um carro de bois, em consequencia destes se terem espan-tado com o rodar duma carrua-gem.

Felizmente não houve maiores consequencias que a queda, mas é conveniente que os snrs. lavra-dores sejam mais previdentes para evitar desastres que se dam a miudo.

Juramento de bandeira. — Realisou-se domingo, no quartel de infantaria 20, o juramento de bandeira dos recrutas que ainda não tinham tomado parte nessa cerimonia.

O discurso allusivo ao acto foi feito, como de costume, pelo rev. José Maria Fiuza, capellão do mesmo regimento, com a elo-quencia que lhe é peculiar.

Associação Medica. — O snr. dr. Abilio da Costa Torres, director do Estabelecimento Thermal de Vizella, foi ultimamente eleito presidente da Associação Medica do districto de Braga.

Assembleia geral. — Conforme fôra annunciado, reuniu na passada quinta-feira, pouco depois do meio dia, a assembleia geral da Companhia de Fiação e Tecidos de Guimarães para apresentação do Relatorio da Direcção, balanço e parecer do Conselho fiscal, relativos á gerencia do anno de 1904.

Depois de larga discussão em que tomaram parte mais activa os snrs. Eduardo Manoel de Almeida, director da Companhia, e Bernardino Leite de Faria, accionista, do Porto, foi o Relatorio approved por unanimidade.

Procedendo-se em seguida á eleição dos corpos gerentes para o triennio de 1905 a 1908, deu o seguinte resultado:

Assembleia geral

Presidente, Conego Alberto da Silva Vasconcellos.

Vice-presidente, Antonio Emilio de Magalhães.

Secretarios, José Menezes de Amorim e Simão Eduardo Alves Neves.

Vice-secretarios, Antonio de Oliveira Martins e João Fernandes de Mello.

Conselho fiscal

Effectivos: Padre Abilio Augusto de Passos, Luiz da Costa Mello e dr. Joaquim José de Meira.

Substitutos: Antonio José de Faria, Francisco Martins Fernandes e José do Amaral Ferreira.

Direcção

Effectivos: Dr. Augusto José Domingues de Araujo, Eduardo M. de Almeida e Manoel Martins Barbosa de Oliveira.

Substitutos: Joaquim Pereira Mendes, João Lopes Cardoso e José Borges Teixeira de Barros.

O snr. dr. Meira, depois de feita a proclamação do resultado da eleição, declarou á assembleia que não podia aceitar o cargo para que havia sido eleito, devido aos seus trabalhos profissionaes, mas que agradecia reconhecido a prova de confiança que lhe haviam dispensado.

Cemiterio parochial. — Por decreto publicado no *Diario do Governo* de 11 do corrente foi auctorizada a Junta de Parochia da freguesia de S. Pedro de Azurey, deste concelho, a contractar, ao juro maximo de 6 p. c. ao anno, um emprestimo da importancia de 500.000 réis, amortizavel em 10 annidades, afim de ser exclusivamente applicado ás obras de construcção do cemiterio parochial da mesma freguesia.

Asylo de Santa Estephania. — Durante o mês de fevereiro findo foram entregues a esta casa de caridade os donativos seguintes: da ex.ª sr.ª D. Maria Anna de Mello Sampaio Pombeiro, 2.500 réis; da ex.ª sr.ª D. Maria José Leal Sampaio, 3.000 réis, com obrigação de uma missa rezada pela alma de seu marido, com a assistencia das asyldadas; do snr. Manuel Maria Fructuoso, 5.000 réis; de um anonymo, 5.000 réis; do snr. Bernardino José Ferreira Cardoso Guimarães, 5.000 réis, para suffragar a alma de sua irmã D. Maria de Oliveira Cardoso Pinheiro; do sr. dr. Antonio Manuel de Trigo, 20.000 réis; do sr. dr. Manuel Marinho Falcão de Cas-

tro, 5.000 réis, para suffragar a alma do dr. Geraldo Guimarães; do snr. dr. Avelino Germano da Costa Freitas, por si e em nome dos seus collegas snrs. drs. Matos Chaves, Joaquim José de Meira, Domingos de Araujo, Alberto Lobo, Moura Machado, Antonio Trigo, Pedro Guimarães e Cunha Machado, 22.500 réis, como preito e homenagem á memoria do seu collega Geraldo Guimarães, em substituição da corôa que costumava offerecer-se.

Vandalismo. — Por ter collocado uma enorme pedra sobre a linha ferrea, no chilometro 32,260, foi preso na noite da passada quinta-feira o criado de servir José Ribeiro, solteiro, de 20 annos, da freguesia de Santo Estevão de Urgezes, deste concelho.

Felizmente não causou avarias semelhante acto, mas obrigou a parar o comboio que chega a esta cidade ás 9 horas da noite, para ser retirada a pedra.

Preços dos cereaes.

—No mercado do ultimo sabbado os cereaes venderam-se nesta cidade pelos seguintes preços:

Trigo	950
Centeio	800
Milho alvo	840
Milho branco	800
Milho amarello	780
Feijão vermelho	1.5100
Feijão branco	1.5200
Feijão amarello	900
Feijão rajado	800
Feijão fradinho	850

LITTERATURA

RESIGNAÇÃO

Esta vida é uma dadiva,
Que a Omnipotencia nos fez:
Não devemos desprezá-la,
Qualquer que seja o revés.
Lá stá Deus!... E' Deus pod'roso
Quem apura o desditoso
Nas provas de agro penar...
Lá stá Deus!... E' Deus clemente
Quem só pôde omnipotente
O seu martyrio acabar.

Martyr foi Christo na terra;
Martyr foi p'ra nos remir!
Quem ha ahí que não se exalte
A tam sublime sentir?
Quem ha ahí que soffra tanto,
Que derrame o acerbo pranto,
Que na dôr Christo verteu
—Dôr immensa, como immenso
E' o seu poder intenso.
Dominando terra e ceu?!

Desgraçado homem que soffres!
Crês na morte?—Ella virá.
Vai soffrendo: quem mais soffre,
Mais depressa acabará.
Vai soffrendo: e, quando um dia
Sintas extrema agonia,
Ergue os teus olhos aos ceus!
Brada então: «Estou vingado!»
«Agora sim libertado»
«Vou viver junto de Deus!»

A. P. Caldas.

O PÃO DA VIRGEM

(CONTO INFANTIL)

(Conclusão)

Essa esmola, proveniente da devoção dos vizinhos a sua boa-Mãe, estipendiava o azeite que alimentava a alampada em frente do altar, zelosamente tratada todos os dias pela piedosa tia Maria.

Dioguinho alongava os braços ás grades da porta, e ansioso de ver melhor, fitava os olhos na veneranda imagem, deixando fluir uma chuva de lagrimas que lhe orvalhavam as faces.

Por que chorava o Dioguinho, um innocente, aquella boa alma de Deus?

E' que aquella imagem que elle via pintada sobre o altar, numa velhissima tela, com o manto escuro e a touca branca, a ajustar-se-lhe ao rosto, era viva recordação para o Dioguinho da face pallida, macilenta, lacrimosa de sua mãe-zinha moribunda, que lá no céu estava ha muitos dias a esperar por elle.

Aquelle pobre menino, que todos os dias ali vinha rezar, e todos os dias encontrava a Virgem definhada, pallida, chorava: começava a pensar que a fome a reduzia áquelle estado. Outro motivo não havia para Dioguinho que produzisse lagrimas, e um proposito generoso despontou em seu coração compadecido: guardar uma parte do seu pão para melhorar a sorte daquella senhora.

E no dia seguinte foi, diligente, com ella presentear a Virgem.

Trepou a um dos assentos lateraes da porta; alongou quanto pôde os bracitos, e depôs a alva fatia numa saliencia adjacente á caixa das esmolas.

—De mais sei eu já, ó minha Senhora, o que dôs estar sem comer! Em nossa casa, ás vezes, havia uma fome! Por certo que soffrei grande necessidade, bem se vo-lo conhece na cara!... Tomai pois esse pãozinho. Podeis comê-lo sem escrupulos. Não o furteti; é do que me foi dado, e cada dia virei trazer-vos uma porção.

No dia seguinte Diogo, regressando, notou que o pão havia desaparecido. Que alegria louca a delle, ao ver que a Virgem lhe aceitara o humilde donativo, proseguindo no afan de todos os dias levar a sua offerecadinha, que, como de principio, via na manhã seguinte que tinha desaparecido!

Tempo decorreu, e o bom do Dioguinho verificava que, sem embargo de sua generosidade, a Senhora permanecia definhada, pallida, lacrimosa, sem melhorar, não lhe aproveitando, portanto, o alimento que tomava.

Ingenuamente veiu pois a descobrir os seus pesares á sua mãe adoptiva.

—Mas como se entende, tia Maria? Ha bastantes dias que levo do meu pão á Senhora da ermida, e vejo-a tam magra ainda, que até faz dôr. Melhorzinha não está; mas comê-lo, lá isso come-o ella.

—Que dizes? Todos os dias levaste esse pão, passando tu sem elle?

—E com o maior gosto. Pensei que ella tinha fome, e eu sei—oh se sei!—que coisa é ter fome.

—Mas, filho meu, não sabes que a Virgem não come desse pão?

—Quê? não come? Eu trazia-lho todos os dias e tem-no comido...

—Pois então, acudiu a velhinhinha após breve pausa, em que uma ideia lhe perpassou na mente, leva-lho hoje como nos mais dias; e a Virgem te ha de dar a recompensa.

Inteirou-se a curiosa mulher da hora em que o Dioguinho saia a prestar homenagem, que era ao cair da tarde, e por si mesma tractou de esclarecer o mysterio, occultando-se entre a ramagem fronteira á ermida.

Dioguinho, depositado o pão, e tendo recitado uma Ave-Maria, recolheu para casa. A attenta sentinella, espreitando por largo espaço, na escuridade da noite, não lo-

grou sentir mais rumor que o vozear das pastoras que recolhiam do trafego diurno e o sussurro da brisa na folhagem do arvoredo.

De repente pareceu-lhe ouvir um ruido particular, e lobrigar, por um dos caminhos, um vulto mal distincto, que se abeirou da ermida, recebendo em cheio o clarão despedido da alampada.

Era um mocinho já mais crescido que o Diogo, mas vestido de peores andrajos.

Chegou á ermida, descobriu-se, benzeu-se, estendeu a mão, tomou o pão da saliencia do muro, beijou-o e escondeu-o no seio.

Olhou em torno, cheio de temor, e dispunha-se a tomar a retirada, fugindo duma solidão que lhe incutia medo, quando a sollicita espia, increpando-o já de perto, o interrompeu:

—Que vens fazer tu aqui?

—Eu!... nada! contesta assustado o pequeno. Não sou nenhum ladrão, não furto nada a ninguém; só venho aqui todos os dias buscar a esmolinha que Nossa Senhora me quer dar.

—Quem te disse que Nossa Senhora te dava esse pão?

—Quem?... Eu, ha dias, vinha mendigando pelas portas, sem que de nenhuma me viesse nada. Tinha fome, muita fome;—ha tantos dias sem comer, já me não sustinha de pé. A' bocca da noite cheguei a esta capellinha; eu chorava, comecei a pedir pão a Nossa Senhora!... E ella... não me deixou morrer á fome: reparei que ali, ao pé da caixa, havia um pedaço de pão. Era Nossa Senhora que me acudia. Venho aqui todos os dias e sempre aqui encontro a igual hora a mesma refeição.

Desnecessario é dizer-vos, meus filhos, que tambem naquella occasião soccorreu a Divina Providencia aquella pobre menino mediante a piedosa irmitã, e mais uma vez vos posso afirmar que esta senhora tia Maria era tam bondosa como feia, e, com os annos, a mais feia impendia ella agora.

E o Dioguinho, a final de contas, em recompensa de sua confiança na Virgem, de seu affecto a Deus e seu amor ao proximo, acertou com o caminho do céu, como a vós vos acontecera, se fordes bons imitadores de Dioguinho.

Encontrou o caminho e não o deixou mais, como desgraçadamente fazem tantos outros, e fortuna é o não façais vós jamais.

No céu, lá foi a reunir-se com o pae e a mãe para nunca se tornarem a separar. Ah! sereis capazes de imaginar que ternissimos abraços ali uns aos outros se têm dado? Tinham deante de si a Santa Virgem, não dolorosa, como na modesta capellinha da encruzilhada, mas tam cheia de alegria que era consolo, em todos, vê-la.

Esquecia-me dizer que lá encontrou tambem a caridosa irmitã, não sendo pouco o trabalho de reconhecê-la, porque, não havendo no céu ninguém feio, ali era a senhora tia Maria o que se chama uma moça bem guapa, a quem muito lhe valeu o zelo admiravel com que tratou da alampada da Virgem, e mais ainda dessas alampadas vivas de Deus, os nossos semelhantes, especialmente os mais pobres, que, não tendo sequer uma gôttá de azeite, em breve se apagam e morrem.

E agora, meus filhos, vam, vam vocês aos seus brinquedos. Mas não se esqueçam do Dioguinho: bem o sabeis, amai muito, muito, á Santissima Virgem; amai tambem os pobrezinhos, e por esse teor haveis de achar, e não perder o recto caminho que leva ao céu.

J. M. y Saj, S. J.

Curso de Economia Social

PELO

R. P. Ch. Antoine, S. J.

LENTE CATHEDRATICO NA UNIVERSIDADE CATHOLICA DE ANGERS

Vertida em português

PELO

Presbytero Miguel Ferreira de Almeida

Doutor na S. Theologia e Direito Canonico, Conego Honorario da S. Basílica do Loreto com honras de Familiar e Commensal do Papa, Capitular da Sé de Vizeu, Secretario Geral da Congregação universal da Santa Casa do Loreto em Portugal, Condecorado por Leão XIII com a Cruz de ouro de 1.ª classe "pro Ecclesia et Pontifice" e redactor da "Revista Catholica."

E' por todos sabida a importancia cada vez mais extraordinaria da grande e espantosa questão social, que, desde ha muitos annos, absorve as atenções dos governos, tanto das nações mais humildes, como das de primeira ordem.

A esta questão prendem-se os mais altos interesses, não só politicos, economicos e sociaes, mas até mesmo religiosos.

São bem sabidos os esforços que Leão XIII empregou, durante o seu longo pontificado, para dar-lhe uma solução harmonica com os direitos da justiça e da caridade.

Quantas e quantas vezes não só nas Encyclicas memoraveis, mas tambem nos seus discursos e allocuções, se occupou desta questão gravissima, inquestionavelmente a primeira de todas as que absorvem a attenção da Igreja e dos Estados?

E, todavia, em Portugal, só desde ha tem poucos annos é que a imprensa se bem della occupada, e pouco, bem pouco, na verdade, se tem escripto sobre esta grandiosa questão, de todas a mais candente e monumental.

Desde ha muito que andavamos premeditando a publicação duma obra em que ella fosse tratada scientificamente e magistralmente, em toda a sua profundidade e ramificações multiplices.

Tinhamos conhecimento de varias obras, mais ou menos volumosas, mas bem poucas nos satisfaziam completamente. Umam eram nimiamente resumidas, e isto o maximo numero, outras nimiamente volumosas. E assim nos achavamos embaraçados na escolha.

No meio da nossa indecisão escrevemos a um nosso douto amigo de Roma, que vive no meio sabio daquela cidade, para que, depois de ouvir a opinião de pessoas competentes, nos indicasse a que melhor conviria ao nosso meio.

E este nosso doutissimo amigo aconselhou-nos a traducção em português do *Curso de Economia Social*, do R. P. Ch. Antoine, S. J., lente cathedratico da Universidade catholica de Angers.

Lemos com vagar esta douda obra, e, quanto mais lemos, mais nos convencemos da optima preferéncia que, entre todas lhe deu o nosso amigo de Roma.

Ella é o fructo das lincubações do douto cathedratico da Universidade catholica de Angers, o qual, encarregado de ensinar a complicadissima e vasta sciencia de economia social, conseguiu reduzi-la ao methodo scientifico, com grande proveito dos academicos.

O plano da obra, apesar de não muito volumosa, é vasto, as materias apresentam-se methodicamente coordenadas, e, apesar de scientifica no seu fundo, é clara, essencialmente pratica, que é o que mais importa.

Derrama jorros de luz sobre todas as questões multiplices que dizem respeito a economia social, que hoje apresenta um aspecto todo differente do que era nos tempos passados, em razão da revolução immensa que os machinismos modernos vieram introduzir nas industrias, no commercio, e no meio social.

Numa palavra, esta obra não é somente util, mas de absoluta necessidade para todas as pessoas illustradas, seja qual for a sua profissão; o rev. clero e os catholicos precisam de estudá-la para saber a orientação que devem seguir no meio do labyrintho de opiniões encontradas, e muitas dellas falsas, de que o socialismo e anarchismo faz larga propaganda.

A razão que nos leva a dar publicidade a esta obra monumental, que será cuidadosamente revista, é a certeza de que prestamos um valiosissimo serviço, não só á Igreja, mas á propria sociedade civil, que tanto precisa ser elucidada sobre a questão capital que a todos interessa.

Se nos fosse licito, especialissima recommendação fariamos della aos Seminarios, onde o ensino da economia social se torna duma urgencia summa, attentas as circumstancias do nosso tempo. Para texto não se encontrará compendio mais nas condições, a que nada falta nem o methodo nem a clareza nem a substancia.

Condições da assignatura

Esta obra constará de dois volumes, magnificamente impressos em bom papel e distribuidos ás cadernetas de 80 paginas pelo preço de **160 reis**, pagos no acto da entrega.

Todas as pessoas que angariarem 10 assignaturas e se responsabilarem pelo seu pagamento, têm direito a um exemplar gratis; angariando 15, dois.

Toda a correspondencia deve ser dirigida a Alfredo Paes Pereira dos Santos, administrador da Empresa da *Revista Catholica* — Vizeu.

O Divorcio

Refutação historica, juridica e philosophica dum projecto desastrado dum deputado infeliz, pelo antigo redactor da *Ordem* e professor de sciencias ecclesiasticas no Seminario de Lamego

Mgr. ALMEIDA SILVANO

Preço da obra 500 reis. Pelo correio accresce o porte de 30 reis.

Vende-se:

No Porto — Livraria Popular Portuense, largo dos Loyos, 44, e na Chapelaria Costa Braga, rua de Santo Antonio.

Em Braga — Livraria Escolar, e na redacção do *Commercio do Minho*.

Os pedidos feitos a esta redacção promptamente serem tambem satisfeitos, quando acompanhados da respectiva importancia.

Nova Agencia

DE

Negocios eccleziasticos

SOB A DIRECÇÃO

DE

GERMÃO DA SILVA

Sollicitador official da Camara Patriarchal

Encarrega-se de todo e qualquer despacho ecclesiastico dependente das camaras ecclesiasticas portuguezas, Nunciatura, Boma ou de qualquer dos Ministerios.

Trata de cartas regias, dispensas matrimoniaes, processos ou dispensas para ordenações e de qualquer negocio congenere com a maxima ligeireza e economia.

Praça do Municipio, 32-2.º

LISBOA

As Terras de Valdovés

MEMORIAS HISTORICAS E DESCRIPTIVAS DO CONCELHO DOS ARCOS DE VAL DE VEZ

Por José Candido Gomes

Condições de publicação.—Todos os cavalheiros que aceitaram o 1.º volume com declaração de assignatura receberam a obra toda á razão de 200 reis cada volume nesta villa, e mais 50 reis fóra d'ella quando a cobrança seja feita pelo correio. O volume avulso 500 reis. Recebem-se ainda assignaturas pagando os dois primeiros volumes á razão de 500 reis.

Assigna-se e vende-se na TYP. MINERVA VIMARANENSE, rua de Payo Galvão—Gumaraes e em casa do auctor no Logar de Valverde—ARCOS DE VAL DE VEZ.

Pedro Scavini

THEOLOGIA MORAL UNIVERSAL

Edição unica e completa em Portugal

Está já completo o 1.º volume da segunda edição portugueza da importantissima obra de Scavini—*Theologia Moral Universal*— revista e augmentada sobre a decima sexta e ultima edição latina, pelo Conego J. M. Rito e Cunha, professor de sciencias ecclesiasticas no seminario de Vizeu.

Um grosso volume de 854 paginas, com o retrato do auctor, brochado, 25000 reis.

Continua aberta a assignatura por cadernetas ou volumes. Pedidos ao editor e proprietario José Maria d'Almeida — Rua Grão-Vasco — Vizeu.

ACABA DE SE PUBLICAR

NOVO COMPENDIO

DE

HISTORIA UNIVERSAL

Contendo a historia antiga, da idade media, moderna e contemporanea

PELO

PADRE ANTONIO MANUEL DOS RAMOS

Professor do Seminario dos Carvalhos

2 volumes..... 10500 reis

Deposito geral: LIVRARIA PORTUENSE de Lopes & C.ª, rua do Almada, 119 a 123 — Porto.

OS CENTROS NACIONAES

PELO

DOM PRIOR

Manoel d'Albuquerque

Vende-se esta obra em casa do sr. Manuel Joaquim d'Oliveira Bastos—R. de Payo Galvão.

Preço 300 reis.

Confeitaria Fernandes

Largo da Oliveira

AZEITE LEGITIMO DE MONCORVO.

Especialidade em generos de mercearia e confeitaria: sonhos, tortas, sardinhas de doce, morcellas feitas pelo systema de Arouca, pão de ló fabricado pelo systema de Margaride, toucinho do ceu de primeira qualidade, caixas de fructas crystallizadas com enfeites, proprias para brindes, etc.

O proprietario recebe encomendas de doce de prato, respondendo pela perfeição e aceio do seu trabalho.

PREÇOS CONVIVATIVOS.

DICCIONARIO APOLOGETICO DA FÉ CATHOLICA

Em que se contém as principaes provas da verdade da religião e as respostas ás objecções tiradas das sciencias humanas

POR

J. B. JAUGEY

Presbytero e doutor em Theologia

Com a collaboração de grande numero de sabios catholicos

TRADUZIDO DA 3.ª EDIÇÃO FRANCESA

POR

GOMES DOS SANTOS

Redactor do "Correio Nacional,"

Com auctorização do Ex.º e Rev.º Snr. D. Antonio, Bispo do Porto

Assigna-se no escriptorio do editor Antonio Dourado, rua das Flores, 42 — 1.º andar — Porto.